



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**NÁGILA MARIA DE OLIVEIRA DOS SANTOS**

**DESIGUALDADES DE GÊNERO E A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES  
PARA A COMUNIDADE RURAL DE MAZAGÃO 3, CAPISTRANO-CE.**

**ACARAPE - CE**

**2021.1**

**NÁGILA MARIA DE OLIVEIRA DOS SANTOS**

**DESIGUALDADES DE GÊNERO E A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES  
PARA A COMUNIDADE RURAL DE MAZAGÃO 3, CAPISTRANO-CE.**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado interdisciplinar em Humanidades (BHU), na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará, como requisito final para obtenção de título de Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline da Silva Costa

**ACARAPE- CE**

**2021.2**

**NÁGILA MARIA DE OLIVEIRA DOS SANTOS**

**DESIGUALDADES DE GÊNERO E A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES  
PARA A COMUNIDADE RURAL DE MAZAGÃO 3, CAPISTRANO-CE.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa  
(Orientadora) (UNILAB/Ceará)

---

Profa. Dra. Joalice Conceição  
(Examinadora Externa) (UNILAB/Ceará)

---

Profa. Dra. Vilênia Venâncio Porto Aguiar  
(Examinadora Externa) (Contag/DF)

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

**NÁGILA MARIA DE OLIVEIRA DOS SANTOS**

### **DESIGUALDADES DE GÊNERO E A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES PARA A COMUNIDADE RURAL DE MAZAGÃO 3, CAPISTRANO-CE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

Aprovado em: 04/08/2022.

### **BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra Jacqueline da Silva Costa (Orientadora/IH UNILAB)**  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/Ceará

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Joalice Conceição (Examinadora/IH UNILAB)**  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/Ceará

**Prof. Dra. Vilênia Venâncio Porto Aguiar (Examinador/Contag - DF)**  
Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras familiares -  
CONTAG

## DEDICATÓRIA

Não poderia, senão, dedicar meu amor e minha força a quem sempre esteve comigo, me escutou e me ajudou, e principalmente, a quem fez gerar essa força em mim. Eu continuo por vocês; e vocês sabem quem são. Eu não seria *Eu* se não fosse por tudo que passei e aprendi, por tudo que vocês me ensinaram.

Se hoje me dedico e sou um alguém melhor, é por toda energia, carinho afeto e abraços que recebi. Irei sempre celebrar a vida de vocês. Não há palavra que defina melhor o que sinto do que amor. Amor simples e sincero.

À minha família, principalmente minha irmã, que é meu orgulho e conversou comigo durante horas sobre este trabalho,

Aos colegas de morada em Redenção (o sexteto *topster*),

Minha orientadora, que tanto se dedicou a mim, e me fez ser maior,

Aos meus amigos (que mais parecem irmãos: são minha segunda família)

E ao meu parceiro de vida pela paciência, afeto e por tudo que me ajudou até aqui,

A todos, digo: vocês são essenciais e fazem parte daquilo que sou e serei!

Seriam muitos nomes, por isso deixo aqui minha dedicatória e minha oração silenciosa a vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Deixo aqui meu agradecimento à cada encontro que tive com minha orientadora, que me inspirou e me inspira a nunca desistir da escrita, desse processo que tanto nos faz falhar, mas que também nos faz crescer. Você me ensinou, me motivou e entendeu melhor que ninguém meu processo e situações adversas.

A toda minha família (parentes, amigos, e aos demais que amo e que compartilhei minhas escrituras) obrigada por acreditarem em mim, na minha capacidade e por sempre estarem dispostos a me ouvirem falar sobre mulheres e suas respectivas realidades.

Toda minha gratidão às mulheres que se dispuseram de forma gentil a me escutarem e por me deixarem escutá-las. Obrigada por compartilharem comigo suas vidas, experiências e pensamentos.

A todos vocês, muito obrigada! Sigo na tentativa de ser melhor e aprender todos os dias.

*“Que um homem não te define, sua casa não te define, sua carne não te define; você é seu próprio lar”*

*(Francisco, El Hombre)*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>3. TEMA.....</b>	<b>13</b>
<b>4. OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>4.1 - Objetivo Geral.....</b>	<b>13</b>
<b>4.2 - Objetivos específicos.....</b>	<b>13</b>
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
<b>5.1 A INFÂNCIA E A COMUNIDADE .....</b>	<b>14</b>
<b>5.2 GÊNERO E PATRIARCADO: UMA CONVERSAÇÃO SOBRE HISTÓRIA E CONCEITOS GERAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>5.3 A CULTURA DO “SERVIMENTO” DA MULHER E A DESIGUALDADE NO CAMPO .....</b>	<b>19</b>
<b>5.4 DESIGUALDES DE GÊNERO NO CONTEXTO RURAL, FAMILIAR E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO .....</b>	<b>21</b>
<b>5.5 ASSOCIATIVISMO, MULHERES PRODUTORAS E A VIDA NO CAMPO: ENTRELACES.....</b>	<b>23</b>
<b>6. METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
<b>6.1 CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>28</b>
<b>6.2 DEFINIÇÕES DAS SUJEITAS DA PESQUISA .....</b>	<b>29</b>
<b>6.3 QUADRO DESCRITIVO DOS (AS) SUJEITOS (AS).....</b>	<b>30</b>
<b>7. DESCRIÇÃO DAS NARRATIVAS.....</b>	<b>30</b>
<b>8. ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>39</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>46</b>



## **RESUMO**

O presente trabalho visa revisitar os lugares ocupados por mulheres camponesas. E para tanto, é preciso de um aparato geral e contextualização sobre a comunidade, como as relações sociais referentes ao cotidiano da “mulher trabalhadeira”, e os desdobramentos que as mesmas foram ensinadas a seguir durante toda a sua vida. É a partir desse lugar de mulher dona do lar, cuidadora da casa, marido e filhos, que esse lugar de não reconhecimento que reflete não apenas dentro do cotidiano feminino, mas também impacta o meio e as relações sociais dessas mulheres dentro da própria comunidade. Dando continuidade a esta discussão, cabe aqui também termos e análises gerais sobre desigualdade de gênero no campo e do papel social que esta mulher exerce no campo e fora dele: seja dentro de casa (com tarefas socialmente apreendidas como “femininas”), nas atividades agrícolas de sobrevivência (e resistência), na sua contribuição no sindicato e no que cerne o centro da comunidade. Trata-se de uma pesquisa Qualitativa e com base nas Escrevivências, o trabalho tem o intuito de demonstrar a desigualdade de gênero através da dinâmica do cotidiano. A pesquisa mostrou que, em tese, o trabalho na atividade agrícola familiar é majoritariamente representado por homens, portanto o problema é como a sociedade patriarcal não reconhece o lugar autônomo da mulher, já que, elas têm muitas frentes de trabalho (ou seja, são adquiridas a elas muita demanda).

**Palavras chaves:** Gênero; Ruralidade; Mulheres Rurais; Divisão sexual do trabalho.

## **ABSTRACT**

This paper aims to revisit the places occupied by rural women. And to do so, it is necessary a general apparatus and contextualization about the community, as the social relations related to the daily life of the "working woman", and the consequences that they were taught to follow throughout their life. It is from this place of woman owner of the home, caregiver of the house, husband and children, that culminates here the term Culture of Service of the woman, which reflects not only but also impacts the environment and social relations of these women within the community itself. Continuing this discussion, it is here also terms and general analysis on gender inequality in the field and the social role that this woman plays in the field and outside it: either inside the home (with tasks socially apprehended as "female") agricultural activities of survival (and resistance), their contribution in the union and at the heart of the community center. Qualitative method and based on Writings, the work aims to demonstrate gender inequality through the dynamics of everyday life. The research showed that, in theory, work in family farming activity is mostly represented by men, so the problem is how patriarchal society does not recognize the autonomous place of women, since they have many work fronts (that is, a lot of demand is acquired to them).

**Key words:** Gender; Rurality; Rural Woman; Sexual Division of Labor.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a existência de uma significativa desigualdade de gênero na dinâmica do cotidiano das famílias da comunidade de Mazagão III – Capistrano, no estado do Ceará. Essa desigualdade, **começa no espaço privado da casa, e ecoa por toda a comunidade**, afetando principalmente o trabalho rural, local onde as mulheres são pouco presentes e quando o são, não são valorizadas.

Quero abordar, primeiramente a família, lugar onde essas mulheres são referenciadas pelo trabalho delas, que começa pelo cuidado da casa das e dos filhos (as), e como isso se consolida no trabalho rural, na participação da Associação dos Pequenos Agricultores de Mazagão III, e como ela é tratada nesse meio.

Minha percepção é de que esse trabalho pode funcionar como um funil: à medida que se adentra nas relações familiares, pode-se perceber como as mulheres da família são abordadas nesse meio, como funciona sua visibilidade e se isso reflete ou não na comunidade. Após uma observação sobre tal hipótese, pode-se entrelaçar esses fatores sutis e naturalizados e trazê-los para a agricultura familiar; as influências do cotidiano refletidas como um espelho no trabalho rural, na comunidade e na associação; lugares estes onde boa parte da autonomia como mulher é restrita.

Pude perceber, por meio da observação e da análise das narrativas, que o foco do trabalho está entrelaçado, diretamente, na desigualdade de dentro e fora do campo, e como isso se propaga para o meio social. Todas essas formas de opressão e/ou ausência de visibilidade, se condiciona à situação da mulher agricultora rural.

O contexto rural é importante e precisa ser mencionado, já que é preciso apontar diversas dinâmicas sociais e relacionais, processos históricos, citações das vozes femininas ecoantes nesta pesquisa, desdobramentos advindos do patriarcado, relacionados ao termo “gênero” (que é socialmente construído) e seus desdobramentos que perpetuam nas dinâmicas dessas relações e no tange ao associativismo da mulher.

Se olharmos para as raízes da desigualdade de gênero, podemos ousar analisar o processo de colonização que se originou dos valores familiares europeus. Foi então que surgiu uma submissão subjetiva e moral. Uma produção simbólica do desejo de submissão ao homem.

É a partir deste novo modo de pensar a realidade dessas mulheres rurais, que busco dar voz aos seus sonhos e desejos submetidos a uma ordem social que dita seu cotidiano, seja no campo, seja em casa. Analisar tais particularidades do meio rural, demonstra ser de suma importância para uma análise social de gênero, partindo das relações familiares entrelaçadas com a agricultura familiar.

## 2. JUSTIFICATIVA

A decisão para a escolha do tema, veio de um dos momentos mais banais do meu próprio cotidiano. Ao observar as mulheres de minha família, pude perceber uma padronização do que chamo aqui de “cultura do servimento da mulher”, no qual consiste na premissa da mulher, literalmente, servir ao “homem da casa”, nas quais as mesmas que além de produzirem a comida, cuidarem dos filhos (as), e das atividades da casa, ainda possuem o *costume* de servir seus respectivos parceiros, seja na mesa ou no sofá.

Observei essa realidade ínfima que naturalmente passou por uma questão cultural que até então não havia percebido, até surgir o pensamento: “*Por quê, nós mulheres, temos que servir aos homens da família e satisfazê-los quando estão em casa?*” “*Como esse processo se reconstrói todos os dias?*” a partir daí, dessas questões iniciais quis saber mais sobre o patriarcalismo, e os papéis sociais que nos atingem desde sempre; um sistema orgânico que não se desfez com o tempo, que nos comprometem e nos colocam em uma cláusula de diversas lutas diárias, ou seja, as diversas *jornadas femininas* que percorremos durante boa parte, senão por toda a vida, e em todos os âmbitos sociais que habitamos.

Justifico aqui também, meu local de inspiração para a seguinte pesquisa: uma comunidade rural, na qual nasci e tive meus primeiros contatos sociais e estruturais, onde o mesmo mantém muitos direitos conservadores e sem políticas de apoio à essas mulheres ruralistas, que têm pouca perspectiva (ou pouco acesso) sobre a mudança de vida. As mulheres da minha família, apesar das muitíssimas dificuldades, ainda sim conseguiram sair um pouco deste sistema patriarca em que a mulher é apenas dona de casa, justamente porque, o exemplo de uma influenciou a outra ao sair um pouco desta mesma bolha tradicionalista e patriarcal, tendo em vista que o mantra “mulheres que inspiram mulheres” sempre esteve presente na minha comunidade.

Posteriormente, irei explicar mais sobre a questão dessas mulheres não somente no difícil acesso à educação, mas também na divisão sexual do trabalho, que mesmo sendo em um campesinato é possível observar essas mulheres que além de irem trabalhar na roça, ainda sim faziam as tarefas domésticas sozinhas, como um dever nato, ditado biológica e socialmente, mesmo que elas realizem as mesmas funções de trabalho que seus maridos e filhos (homens). Entrelaçando, ao mesmo tempo, a participação ativa dessas mulheres na localidade, que de certa forma, apesar de toda subordinação, tem-se o reconhecimento de suas contribuições para uma perspectiva de vida melhor.

### **3. TEMA**

DESIGUALDADES DE GÊNERO E A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES PARA A COMUNIDADE RURAL DE MAZAGÃO 3, CAPISTRANO-CE.

### **4. OBJETIVOS**

#### **4.1 – Objetivo Geral**

Identificar a desigualdade de gênero na família através da dinâmica do cotidiano. Além de trazer como essa desigualdade, de dentro para fora, ressoa na comunidade e principalmente no trabalho rural.

#### **4.2 - Objetivos específicos**

- a) Analisar a cultura da desigualdade de gênero e a sua perpetuação no meio familiar pela na dinâmica do cotidiano;
- b) Levantar as tarefas domésticas dentro e fora de casa no contexto rural;
- c) Elucidar como divisão sexual do trabalho se insere no trabalho rural;
- d) Relatar a contribuição das mulheres na Associação dos Pequenos Agricultores de Mazagão III.

## 5. REFERENCIAL TÉORICO

### 5.1 A INFÂNCIA E A COMUNIDADE

Desde pequena questioneei as coisas. Sempre com sede de aprender sobre tudo e todos. Ou seja, desde de muito cedo, quis mover estruturas e entender o porquê de ser assim; *“por que não posso brincar com a bola?”*, *“por que não me dão um carrinho de presente?”* *“Queria poder brincar mais de bolinhas de gude”*. Esses e outros exemplos de meninas que desde a infância experimentaram do sabor amargo que é o globo patriarcal que nos molda num conceito do que é ser “menina” e do que é ser “mulher”. Quem de nós já não se deparou com *“se senta direito, como mocinha”, “se você continuar desse jeito, nunca vai casar.”?*

À medida que fui crescendo e me aventurei no mundo feminista, pude perceber muitas situações cotidianas que se encaixavam no fenômeno que até então tínhamos tido como distante; as estruturas sociais que nos cercam, nos moldaram para agradar ao homem, ao chefe da família, a colocar o masculino sempre em primeiro lugar. O que, indireta e diretamente, nos coloca num espaço de servidão inconsciente de estar “pronta” para seu homem e marido. Nossos gostos e preferências foram silenciados para satisfazer os gostos e prazeres dos homens. E essa realidade não está longe. Está logo ali, na cozinha de sua casa, onde supostamente as mulheres de sua família estão com muito mais frequência que os homens.

Eu, como filha pequena, aprendiz no mundo, fui ensinada desde cedo a preparar a comida, a lavar a louça e varrer a casa. *“Porque não ensinam isso aos meninos também?”* Eu me perguntava, *“meus primos não fazem isso”*. E quando eu me negava a fazer tal coisa, sempre era repreendida com: *“Não sei como vai ser quando você casar e ter que cuidar do marido”*. Mas ele não pode cuidar de si mesmo? Os homens foram acostumados (por assim dizer) a terem vergonha e repulsa pelo trabalho doméstico. A fazerem-se os donos da casa, sem nem ao menos cuidar do lar. Sem perceber, estávamos reproduzindo um sistema que dividia os papéis de gênero a partir do sexo biológico.

O núcleo familiar como o primeiro provedor do ser e inclusão no mundo social, reproduz esses costumes e repressões desde de sempre, e é preciso observar em cada canto da casa o que os homens da sua família fazem que você, mulher, não pode fazer; espaços que ele pode frequentar e você não; comportamentos, ações e pensamentos que ele poderá ter, mas não você do sexo feminino. Minha infância é continuada em várias outras infâncias, de meninas que são criadas para serem donas do lar, mas não donas de si.

As mulheres de minha família, sempre levaram os nomes dos respectivos maridos. É como se fosse uma parte de sua vida, representada pelo seu sobrenome, que se perdia no meio dessa bolha patriarcal que dita que os sobrenomes dos homens sempre devem ser os que darão continuidade a sua geração; é a linhagem dos homens da sua família que se perpassarão. Costumes como esses tão tradicionais, que estão intrínsecos à nossa vida cotidiana e social, que trago um olhar que se sobressai por ser falado a partir de uma localidade conservadora, mas que mudou ao longo dos anos, fruto de um feminismo que foi contra essas armadilhas da cultura machista. Uma comunidade rural que aos poucos foi se desmembrando do que é uma mulher camponesa, sem grandes oportunidades de melhoria de vida; que foram se auto incluindo na agricultura, adquirindo, portanto, diversas jornadas de trabalhos (incluindo o doméstico, cuidar dos filhos e do marido), gerando o dito "Mulher Forte e Guerreira" que automaticamente nos mostra as diversas lutas diárias que as mulheres podem e tem como dever (ou seja, como papel social feminino) de levar em suas vidas dentro e fora de casa, relevando, assim, seu cansaço físico e inclusive mental, recompensado, geralmente, com o ganho do respeito e amor dos que a olham.

Nosso lugar de origem é nosso espaço de ancestralidade. É a partir do campo, do distanciamento que obtemos com o crescer da vida, que isso se evidencia.

Minha comunidade que leva o nome de Mazagão, que veio a partir da compra de terras por um senhor desconhecido (desconhecido inclusive para os próprios anciões da comunidade), que comprou essas terras afim de render mais lucros para si. A partir de então, o espaço geográfico, as terras levaram seu nome, por óbvia associação. A comunidade se situa distante da cidade, o que acarreta algumas dificuldades; inclusive se olharmos para o viés de adquirir terras.

Ao entrevistar minha mãe, pude perceber que, durante toda a minha infância ao observá-la, e ausência de informações sobre meu avô e seu passado, soube a partir desta pesquisa que todas as documentações, passaram a ser em seu nome após o falecimento de meu avô. As terras foram de meu bisavô. Passadas para meu avô, até passarem a ser de minha mãe: ela é denominada no documento oficial como inventariante (basicamente, ela é a administradora das terras). Minha mãe, como filha caçula sempre evidenciou as dificuldades que tinha como estudante de pedagogia, mãe de 3 filhos, dona de casa e do marido. Essa conquista de ser dona das terras de meu avô, talvez não seria possível, se não houvessem, hoje, os movimentos que temos para os termos e contratos levarem o nome *dela*. É com grande satisfação, e um pouco de receio, que



pude ver e observar desde sempre as jornadas de minha mãe, para ter sua independência que hoje com orgulho tenta ensinar a mim e minha irmã os mesmos caminhos. Essa realidade, não é vivenciada por todas.

“Elas [irmãs de minha mãe] foram criadas trabalhando. A única que não trabalhou na agricultura foi eu; só plantei. Mas limpar mato, apanhar algodão como as outras, não. [era] pra ajudar o pai, porque a família era grande. E quando era pra apanhar algodão dos vizinhos era ganhando um ‘tustãozin’ pra roupas, calçados...” (Maria, minha mãe. 59 anos)

Os sonhos foram abdicados em prol de uma regulação, de uma ordem, que dita os movimentos e passos dessas mulheres. As dificuldades são muitas para os moradores, e o cansaço delas é certo, como diz a segunda entrevistada: “Tudo era ‘nois’ mulher” (Dona Bel, 42 anos).

## **5.2 GÊNERO E PATRIARCADO: UMA CONVERSAÇÃO SOBRE HISTÓRIA E CONCEITOS GERAIS**

Para início da discussão de cultura do servimento da mulher, é preciso trazer à tona questões de gênero e os desdobramentos sociais acerca deste fenômeno. Mariane Rodrigues da Silva, socióloga e estudos com foco em mulheres camponesas, se refere aos papéis sociais de gênero como “É necessário problematizar que a categoria gênero transcende o determinismo biológico. Contudo, ‘a naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia que tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim’.” (SILVA, 2019, p. 2099). Contudo, se faz necessário também entender como este termo foi se consolidando ao longo dos anos.

De acordo com a antropóloga Adriana Piscitelli em “*Gênero: a história de um conceito*”:

“Quando as distribuições de desiguais de poder entre homens e mulheres são vistas como resultado das diferenças, tidas como naturais, que se atribuem a uns e outras, essas desigualdades são “naturalizadas”. O termo *gênero*, em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças. Na linguagem do dia a dia e também das ciências a palavra sexo remete a essas distinções inatas, biológicas. Por este motivo, as autoras feministas utilizaram o termo *gênero* para referir-se ao caráter cultural das

distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade.” (PISCITELLI, 2009, p. 119)

Dentro desta perspectiva de Piscitelli, o pioneiro da desigualdade de gênero se faz nessa distinção entre “o que é ser homem?” e “o que é ser mulher?”. Essa discussão há muito difundida, traz a essas mulheres o dever de *ser e estar* para aquele homem; sempre à disposição; nunca reclamar, apenas obedecer. Se colocando, por fim, numa reprodução e naturalização de atos, mesmo que inofensivos, mas que resultam numa inferiorização da mulher, visto que tem uma forte representatividade dentro da família.

O patriarcado faz-nos pensar: qual o lugar destas mulheres? E a resposta se torna relativamente simples e fácil de se responder: o lugar da mulher é onde ela quiser. Mesmo que alguns espaços não aceitem mulheres por diversas questões, como a possibilidade de constituição de família, ou seja, a reprodução. Tal fator de natureza biológica, acarretam à muitas mulheres as limitações que o machismo impõe às mesmas, mediante ao trabalho e o quão divisórios são as questões biológicas que fazem com que a discriminação contra mulheres seja justificada, seja no meio rural, urbano, privado ou público.

Uma das possíveis hipóteses da criação do patriarcado se deu nas sociedades Paleolítico e Neolítico. Onde, por razões biológicas, a maternidade foi de grande importância para a sobrevivência e evoluções constantes de seus bebês, ou seja, seres humanos. A partir dessa hipótese histórica, pode-se postular que, sociedades que vivem e dependem de uma agricultura de base (subsistência) tem uma grande tendência aos cuidados maternos, mantendo sempre o tradicionalismo histórico local, no qual o papel social da mulher pelo fenômeno da divisão sexual do trabalho, se postula nos cuidados "eternos" de seus membros; ou seja, a cultura do servimento.

Seja qual for a pauta histórica trazida para a discussão, é factual que nas sociedade caçadores-coletores, as mulheres mantenham-se nesta posição, pois partes dessa cultura permanece imutável pelo inconsciente coletivo dos membros do local estudado. Lembrando que tal estudo e hipóteses podem sofrer generalizações, o que, posteriormente, podem (ser) ter sofrido modificações e/ou transformações pelo próprio fenômeno de reconhecimento da realidade.

Sendo assim "a mais antiga divisão sexual do trabalho, segundo a qual as mulheres escolheram ocupações compatíveis com a maternidade e a criação dos filhos, era funcional, por isso satisfatória tanto para homens quanto para mulheres." (LERNER, 1986) Mesmo com esta premissa da historiadora, não podemos deixar de analisar a discrepância emancipatória que as mulheres rurais sofreram ao longo dos tempos.

Esses discursos de sobrevivência dos bebês ainda estão presentes no consciente das mulheres da comunidade. Como nas seguintes falas "tinha que ficar um na casa pra cuidar", assim, deixando atarefando as mulheres da família com todos cuidados, extraviando possibilidades de crescimento individual ou econômico.

A categoria social mulher envolve diversos papéis. Tanto papéis sociais (diga-se: socialmente construídos), como papéis atribuídos desde o berço, (como é o caso da maioria das relações de gênero no ocidente) como por exemplo o que seria o papel social da mulher dentro do trabalho, dentro de casa, no campo e em incontáveis espaços que as colocam em um estado de servir, cuidar e estar sempre disposta. Um lugar silencioso, com estruturas sociais silenciosas:

“gênero é socialmente construído. A categoria social ‘mulher’ não é universal e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade. Questões adicionais devem ser feitas. Por quê gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são teorizadas pelos estudos feministas?” (OYÉWUMI, 2004)

A categoria de gênero feminino, ainda de acordo com o pensamento de Oyéwumi, socióloga e pesquisadora nigeriana, tem se dedicado estudar as relações de gênero e famílias nas comunidades Bantu, afirma que tem todo esse estereótipo, essa predisposição que é puramente estrutural, correlacionada diretamente com a questão da feminilidade. Como por exemplo, o uso de adereços que ressaltam essa feminilidade ou a ‘característica natural das mulheres’; e tudo que sai fora disso, sai fora dessa categoria social mulher. E é justamente pensando em consonância com Oyéumi, que podemos analisar novas perspectivas sobre gênero, dependendo do local, cultura e etnia a que se refere. E é pensando nesta categoria não universal, que o termo é variável de sociedade para sociedade, principalmente em grupos africanos matrilineares (os únicos grupos sociais estudados pela antropologia que realmente estruturam o matriarcado), além das comunidades indígenas. Variando, portanto, em relação ao feminismo branco e o que ele “integra”.

Mas por que? Mulher, em uma tribo indígena, por exemplo, o seu papel social é variável de tribo para tribo; não quer dizer somente aos afazeres de casa, a cuidar dos filhos. E os homens podem fazer outro tipo de tarefas que são consideradas para o sexo feminino.

Vê-se claramente que a questão de gênero é socialmente construída a partir de uma sociedade estruturada no eurocentrismo, baseado em uma vida que essas mulheres

(europeias e brancas) não sofrem outro tipo de opressão. Visto que, elas têm a visão restrita a opressão do ‘ser mulher’ (o que não significa que não é válido, mas que a interseccionalidade precisa ser presente).

Portanto, a questão “em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão?” quando vamos analisar gênero, nós não podemos analisar só o termo “mulher” porque abrange todas as mulheres, e pensando na perspectiva de Oyéumi, elas não são iguais em diversas sociedades. Ou seja, o estudo específico de gênero pode haver a ocultação de outros tipos de opressão; como o racismo e identidade cultural (como é o caso das mulheres indígenas). Sendo assim, os estudos feministas só podem ser validados a partir de uma intersecção, mesmo e apesar da generalização do estudo para ter termos fixos. Foi importante essa luta inicial para a construção dos direitos. Desta maneira, acaba se tornando uma luta desigual se pararmos para pensar em apenas um tipo de feminismo. É necessário o cultivo de um feminismo mais abrangente, no caso, intersecções, de etnia, raça, classe, para ser um movimento verdadeiramente unificado em prol das mulheres que querem destruir um tipo de opressão em comum: o patriarcado, o machismo estrutural de todos os dias.

### 5.3 A CULTURA DO “SERVIMENTO” DA MULHER E A DESIGUALDADE NO CAMPO

“Seguir receita tal  
A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina”

(trecho da música *Triste louca ou má*, Francisco, *El Hombre*)

Postulamos em nosso meio social o que seria servir ao homem. De onde vem tal fenômeno? É fato que estamos intrínsecos e inseridos em tal modo de viver, que muitas vezes, nos passam despercebidos o que o cotidiano dentro de uma bolha patriarcal pode nos fazer. Um exemplo fixo e claro, é a mulher se arrumar quando o marido chega em casa; ter feito o jantar e a casa estar limpa para *ELE*. O que os homens fazem para serem tidos como reis dentro da própria casa? Eles chefiam mesmo a casa em que dormem e ceiam? São eles os donos do mundo, ou é apenas uma questão moralista e biológica que os fazem serem e sentirem-se superiores as mulheres?

Como na fala da seguinte entrevistada:

“quando casa tem que servir a ele. Quando casa tem que servir; é fazer o que ele precisa. É lavar roupa dele, fazer almoço, fazer a janta, cuidar da casa, cuidar dos filhos. É o direito dela!” (dona Maria, 59 anos)

Dentre outras várias formas de servimento que elas, sem perceber, foram ensinadas a tais atos, que por mais inofensivos que pareçam, destacam uma dinâmica comum entre elas.

Tudo o que estas mulheres se propõem a fazer pelos homens da família, se postulam, ainda de acordo com Piscitelli, a partir dos papéis socialmente atribuídos acerca da questão de gênero “A ‘identidade de gênero’ que está no plano da cultura dos hábitos e dos aprendizados, não deriva dos genitais, que ‘pertencem’ à natureza, à biologia. Por isso, é preciso separar natureza de cultura, entendendo que o que define as diferenças de gênero está no âmbito da cultura.” (PISCITELLI, 2009, p. 125)

Portanto, a cultura do servimento da mulher, não é apenas uma questão de identidade de gênero, sobre o porquê existe tal dicotomia entre homens e mulheres. Mas também, no que tange ao “ponto de vista social e histórico, a mulher por séculos foi colocada como coadjuvante de sua própria vida, vivendo sob condições de subserviência ao homem, sendo pela figura do pai e/ou marido.” (SILVA, 2019, p. 2097).

É sobre essa discrepância que os atributos de trabalhos femininos vão formando mulheres, e meninas também desde a infância, com o pensamento de servir ao homem viril; deixando-as cansadas, e tendo que abdicar por diversos momentos dos seus sonhos e projetos para *ser e estar* exclusivamente para a vida de seus pais/maridos, em que, “naturalmente” (no sentido de naturalização desta servidão feminina) essas mulheres são inseridas e continuadas desde a infância. É a reprodução do sistema patriarcal que incide nas vidas dessas mulheres e as fazem pensar que seu lugar é apenas “dentro de casa” ou “na cozinha”.

Ademais, Chimamanda Adichie deixa evidente sobre tal premissa:

“Nossa cultura enaltece a ideia das mulheres capazes de “dar conta de tudo”, mas não questiona a premissa desse enaltecimento. Não tenho o menor interesse no debate sobre as mulheres que “dão conta de tudo”, porque o pressuposto desse debate é que o trabalho de cuidar da casa e dos filhos é uma seara particularmente feminina (...) O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue “dar conta de tudo”, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar.” (pg. 09)

Isso de “dar conta de tudo” se torna uma questão a mais a ser analisada, se levada em conta o processo gradual de acumulação de tarefas pela divisão sexual do trabalho.

#### **5.4 DESIGUALDES DE GÊNERO NO CONTEXTO RURAL, FAMILIAR E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

Trazendo a discussão sobre divisão sexual do trabalho para o meio rural, questões que se, atualmente no século XXI estão se desfazendo em termos de construção, nas sociedades mais afastadas do meio urbano, isso se perpetua por mais tempo ainda, por diversos fatores como: a ausência de políticas públicas de educação, autonomia feminina, dentre outros. De acordo com SILVA (2019, p. 2096) “É possível verificar que o meio rural se constitui um espaço de múltiplas formas de desigualdade social, dentre elas, a violência doméstica, as desigualdades de gênero, o patriarcado e a divisão sexual do trabalho que se traduz na desvalorização do trabalho agrícola exercido pela mulher e que historicamente vem se perpetuado em sociedade.”

“(…) percebemos que, na área rural, eles estão juntos, sem grandes diferenças até por volta dos 5 anos. Depois, as meninas começam a seguir as mães, aprendendo com elas o trabalho doméstico e contribuindo para a realização deste. Os meninos passam a seguir o pai, a aprender com ele e a brincar entre meninos nas horas de lazer que geralmente são maiores que as das meninas. Os rapazes também saem mais, vão mais longe, enquanto as moças ficam mais com a família, não só pelo trabalho, mas pelo medo dos pais de que elas ‘caiam na vida’.” (SILVA, 2019, p. 2100)

Os papéis sociais de gênero incidem diretamente dentro do seio familiar, e este como sendo uma das primeiras instituições sociais em que os indivíduos são inseridos, acarreta uma educação de desigualdade, já que desde a infância das crianças com a diferenciação de atividades entre meninas e meninos se faz presente.

Coloco aqui em destaque, um trecho do livro *Para Educar Crianças Feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie, que elucida bem este argumento: “penso que é moralmente urgente termos conversas honestas sobre outras maneiras de criar nossos filhos, na tentativa de preparar um mundo mais justo para mulheres e homens.” (ADICHIE, 2013, p.05)

É no âmbito dessa educação patriarcal, geralmente dentro do seio familiar, que as relações de gênero se constituem e ganham forma (não apenas a única instituição a reproduzi-lo, mas uma das iniciais). As crianças, a partir de sua introdução no mundo físico e dos ideais, passa a internalizar os ensinamentos, as falas e as tradições impostas

dentro do cotidiano. Meninas sempre aprendendo os afazeres de casa, com vigor; aprendendo desde cedo aos ideais do casamento e ao servimento dos homens de sua família. Sempre cuidando daqueles de quem dependem. Mas será essa a problemática? Seria a partir da tradição que as crianças aprendem a reproduzir papéis sociais de gênero? E o que isso tem em relação ao campo? Questionamentos como esses guiam o seguinte estudo.

A historiadora Gerda Lerner, evidencia esse fato social-histórico sobre a divisão sexual do trabalho no âmbito familiar a partir de uma perspectiva histórica "foi essa divisão inicial do trabalho a origem da desigualdade entre os sexos, que condenou a mulher à "imanência" – a busca pelo trabalho diário, repetitivo e sem fim –, ao contrário do que ocorreu com a bravura do homem, que o levou à 'transcendência'." (LENER, 1986, p. 179)

Em consonância com a referência supracitada, o eixo temático sobre Autonomia, Trabalho e Renda no caderno da Marcha das Margaridas, tem-se o seguinte princípio:

A inserção das mulheres no trabalho agrícola, extrativista e não agrícola, está marcada pela estrutura patriarcal da família, definida a partir do poder do homem e pela divisão sexual do trabalho. Significa dizer que prevalece a visão padronizada de família, em que o homem representa os interesses do conjunto, ou seja, da mulher e filhos, deixando transparecer que os interesses são comuns e que se complementam de forma harmônica. (2011, p. 29)

Portanto, a divisão sexual do trabalho foi e ainda é um dos precursores dos processos patriarcais dentro das comunidades rurais, visto que há evidências de pesquisa-observação em que o forte tradicionalismo e a cultura do servimento, alimentam o sistema no qual às mulheres são postas todos os dias simbólica ou fisicamente.

Dona Maria, uma das entrevistadas diz o seguinte quando a perguntei sobre a divisão do trabalho e mudança decorrente depois de sua graduação e empregos fixados: **Mas mesmo assim, para você como mulher independente, isso mudou?** E sua resposta foi: "Mesmo assim tinha que fazer o almoço e a janta do marido, mesmo trabalhando. Era cansativo. Trabalhar e tomar conta de casa e de filhos."

A dupla jornada feminina, também se faz presente quando situamos a situação de gênero na divisão sexual do trabalho.

Para uma maior análise da questão sobre a divisão desigual entre os sexos e a dupla jornada das mulheres, que é o que evidencia a servidão feminina ao homem, tem-

se um ensaio sobre a reconfiguração das relações de gênero no trabalho, de Costa *et al.* (2004) que explicita bem sobre isso:

“Ambos realizam jornadas totais de trabalho extensas, contudo as mulheres respondem por uma jornada de trabalho em afazeres domésticos, em média, três vezes superior àquela realizada pelos homens. [...] Também é importante observar que as jornadas de trabalho em afazeres domésticos não se diferenciam segundo condição de ocupação. Estar desempregado não significa uma maior jornada em afazeres domésticos. Por outro lado, para as mulheres, o ingresso no mercado de trabalho não representa uma menor jornada em afazeres domésticos.” (COSTA *et al.* 2004, p.44)

Na parte simbólica, pode-se observar que a cada 06 entrevistadas, apenas 2 (no máximo) haviam concluído os estudos com êxito. Tal característica também presente na vida dos homens da família, o que, provavelmente representa não um problema de desigualdade ou discriminação; mas sim, um problema político-educacional. O que, coopera e age simultaneamente com o patriarcalismo local.

Essa problemática acerca da educação rural, se torna uma outra discussão de grande importância dentro desse ambiente. As dificuldades de locomoção, alimentação básica e a falta de incentivo ou acesso à educação de qualidade (ou mínima) resulta no extremo dificultoso acesso a oportunidades e uma vida condicionada a manter estruturas que naturalizam a subalternidade.

### **5.5 ASSOCIATIVISMO, MULHERES PRODUTORAS E A VIDA NO CAMPO: ENTRELACES**

A vida no campo sempre evidenciou grandes dificuldades e barreiras. Porém, a resistência, principalmente ao clima semiárido, sempre estivera presente na vida cotidiana dessas mulheres batalhadoras. Ao iniciar a pesquisa sobre a comunidade, o terreno que as cercam e lhes moldam, muitas mulheres se veem em grandes empecilhos de crescimento de vida (bem como a de seus maridos e filhos). É perceptível o nível de batalhas diárias durante a vida das mesmas em relação à sobrevivência no campo, através da agricultura familiar, e nas tarefas domésticas.

A agricultura familiar tem a seguinte conceituação, de acordo com o caderno oficial da Marcha das Margaridas de 2011:

a mão de obra utilizada nas atividades econômicas é predominantemente da família; a renda familiar resulta das atividades vinculadas ao próprio



estabelecimento; o estabelecimento é dirigido pela família. Segundo o 12 Censo Agropecuário 2006, apesar da alta concentração da terra no país, a agricultura familiar em uma área reduzida, é responsável por cerca de 70% dos alimentos que chegam à mesa do povo brasileiro e emprega 77% do total de pessoas na Agricultura. (2011, p.12)

Com os relatos de várias entrevistadas, foi possível perceber um padrão de vida dessas mulheres: a luta por sobrevivência. Uma ‘labuta’ que consistia não apenas em ajudar na agricultura com os pais e os irmãos; mas também de gerir e ficar totalmente responsável pelos afazeres de casa, mesmo quando tinham feito os mesmos serviços braçais que os homens de sua família.

“Trata-se de uma lógica permeada por uma invisibilidade naturalizada na sociedade que anula a percepção da mulher enquanto parte integrante do trabalho produtivo que gera renda além da subsistência familiar.” (SILVA, 2019, p. 2095)

No campo, principalmente no século XX e nos anteriores a este, era comum ver mulheres ao lado de homens sob o sol em busca do sustento da família. Porém, o crédito nunca foi delas; mesmo com o árduo serviço de servir aos maridos no final da tarde, com tudo pronto e feito para o descanso de seus cônjuges, quando elas mesmas estavam tão cansadas quanto. Claro, há também a evidência de companheirismo dentro de um casamento. Mas até que ponto temos que aceitar o natural da mulher de não ser reconhecida pelo que faz? "Seu marido algum dia, já lhe agradeceu pelo cuidado que teve com ele"? Essa foi uma de minhas perguntas para algumas das entrevistadas.

E uma das respostas que obtive, foi:

“Não sei porque era muito calado, né? (risos). Chegavam em casa, a casa tava limpa, a comida tava feita. Tava tudo bom né?! (risos)” (dona Bel, 42 anos)

Porém a discussão se alarga, quando são evidenciados fatores de desvalorização da mulher no campo, em específico na agricultura familiar.

Em contrapartida, a partir dos anos subsequentes a 2000 começaram-se a enxergar as mulheres como parte provedora do lar e dona de terras. De acordo com o dossiê de Cordeiro e Scott (2007) sobre estudos de mulheres rurais, os movimentos que surgiram no Brasil e “as reflexões sobre mulheres e gênero em contextos rurais alcançaram uma maior visibilidade a partir da década de 1980”

A ação coletiva das mulheres agricultoras foi, sem dúvida, uma das grandes novidades do cenário político da época. Em vários locais do País, no início dos anos de 1980, pequenos grupos de mulheres passaram a se reunir para

conversar sobre as suas vidas e o trabalho. As lutas que alcançaram uma maior visibilidade política ocorreram em torno de quatro eixos: reconhecimento do trabalho na agricultura e nos sistemas agroextrativistas; lutas pelo direito à terra e pela reforma agrária; acesso aos benefícios da Previdência Social; participação das mulheres na estrutura sindical, seja como associadas a sindicatos, seja como diretoras de sindicatos e federações. (p. 420)

Foi com a Marcha das Margaridas, movimento de mulheres ruralistas em busca de direitos, que tal feito se tornou possível. Dando mais autonomia para as mulheres e mais acesso a terem sua parte na produção, seja para consumo ou venda.

"A Marcha das Margaridas é uma ação estratégica das mulheres do campo e da floresta que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de movimentos feministas e de mulheres. É um grande momento de animação, capacitação e mobilização das mulheres trabalhadoras rurais em todos os estados brasileiros, além de proporcionar uma reflexão sobre as condições de vida das mulheres do campo e da floresta. Por ser permanente, as mulheres trabalhadoras rurais seguem, diariamente, lutando para romper com todas as formas de discriminação e violência, que trazem conseqüências perversas à vida delas." (Conceito extraído do site da FETASE)

No município de Capistrano, atualmente, vigoram diversas políticas públicas que atendem especificamente às mulheres rurais, como o programa PRONAF-Mulher. Mesmo com todo o acesso a esses programas de ajuda recíproca às mulheres do campo, muitas delas desconhecem o programa, tendo em vista a pouca divulgação da política local para com essas agricultoras.

Com o advento das políticas públicas voltadas para as mulheres rurais e a importância da visibilidade delas dentro da conjuntura política municipal se expressa através do fato de que com

"A organização das trabalhadoras estimula suas lideranças a pensar sobre as desigualdades de gênero, e, a partir desse olhar, as trabalhadoras começam a discutir sobre a invisibilidade do seu trabalho na agricultura familiar camponesa. As trabalhadoras rurais percebem que as atividades produtivas desenvolvidas no grupo familiar têm um significado econômico; não são simplesmente uma ajuda." (SALES, 2007, p. 439)

A dinâmica predominante nessas relações de gêneros no meio rural é polarizada através da relação entre trabalho no campo *versus* documentação. A parte burocrática, fica por conta das mulheres da família, e os homens ficam responsáveis pela agricultura familiar. Mesmo a mulher sendo a principal provedora do lar dentro da casa com o acesso direto ao Bolsa Família, e também como produtoras. Essa dinâmica se repete na maioria dos lares da comunidade rural.

A socióloga Celecina Sales situa tal situação como “A inserção das mulheres rurais no campo político (sindicatos, associações, movimentos sociais, partidos políticos) tem possibilitado um aprendizado coletivo.” (SALES, p. 438)

Em consonância com o pensamento de Sales, a exemplo dessa representatividade das mulheres quando se refere ao associativismo, ao conversar com a segunda secretária da Associação dos Pequenos Agricultores de Mazagão III, é constatado por ela que

“É porque assim, na associação tem o presidente, o primeiro secretário, o segundo secretário, o tesoureiro. Então eu acho que a nossa associação é bem representada pelas mulheres. A primeira secretaria sou eu, a segunda secretaria já é outra mulher. A tesoureira, também é outra mulher. Então, na diretoria, somos 3 mulheres. No total são 6 pessoas que compõem a diretoria.”

É a partir desse aprendizado, do reconhecimento e pela reflexão desses novos entrelaces, que situação dessas mulheres se situa. Mesmo com a ausência de popularização dessas políticas públicas na comunidade, as mesmas não se ausentam de seus direitos.

## 6. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa Qualitativa, que tem como objetivo absorver e analisar as diferentes realidades a partir das narrativas das sujeitas entrevistadas. Captar essas vozes potentes que propiciou diversos sentimentos, a partir de perguntas de caráter inicialmente livre, para proporcionar um diálogo mais fluido. A pesquisa qualitativa se encaixou melhor no contexto e com os objetivos propostos para compreender melhor a realidade das mulheres.

De acordo com Demo (1998) a “Pesquisa qualitativa significa,

(...) o esforço jeitoso de formalização perante uma realidade também jeitosa. Trata-se de uma consciência crítica da propensão formalizante da ciência, sabendo indagar suas virtudes e vazios. (...) uma pesquisa qualitativa dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade” (p. 101)

Sendo assim, os objetivos se enquadram na: compreensão de diversos sentidos, qualificar o fenômeno, demonstrar a desigualdade de gênero através da dinâmica do cotidiano, levantar questões acerca das tarefas domésticas dentro e fora de casa no contexto rural e elucidar como a divisão sexual do trabalho se insere no meio rural.

Sendo assim, igualmente afirmado por Nogueira & Toneli (2016)

“Aos contextos rurais endereça-se toda uma gama de discussões produzidas e também produtoras de modos de existência. [...] A escolha por um viés sociocultural remete ao esforço de contemplar a diversidade e as especificidades associadas a essas produções. Neste sentido, justifica-se a presença de uma abordagem qualitativa, em mais da metade dos estudos.” (p. 116 e 117)

Justamente por isso, a abordagem qualitativa ao decorrer da pesquisa se faz necessária para a reflexão sobre a realidade de camponesas, que se veem, muitas vezes, atadas à um patriarcado de cunho altamente conservador, que as mantém em contínua reprodução do mesmo, visando sua total existência ao sexo masculino, de tal maneira que intrinsecamente, postulam sua rotina e cotidiano a servir ao homem viril e necessário em suas próprias residências. No fim, a pesquisa se torna um unificador de sentimentos. E é por isso que a autonomia das falas é primordialmente considerada.

Este trabalho utilizou-se de perguntas semi-estruturada, que produziu relatos importantes e o diálogo fluido que pensamos de modo livre e sem parâmetros, para uma conversação e observação da realidade das mulheres, com o propósito de trazer o máximo possível de experiências vividas. As descrições a serem demonstradas mais a frente, são

importantes para a análise, ao mesmo tempo em que tive muito cuidado ao olhar e analisar essas vivências, de modo que se torna uma pesquisa íntima e sentimental sobre suas respectivas realidades.

De natureza básica, a pesquisa se justificativa e se desenvolve com o intuito de produzir novos conhecimento sobre mapeamentos das relações de gênero no meio rural, visando compreender, entender e tecer novos caminhos para se pensar a partir das vivências e do cotidiano da mulher do campo da comunidade de Mazagão III, bem como todos os parâmetros que se visam conceituar a realidade dessas mulheres.

## 6.1 CAMINHOS DA PESQUISA

A princípio, a entrevista semi-estruturada, possibilitou elencar e observar de forma livre a realidade vivida a partir do reencontro com as memórias pessoais do sujeito pesquisador deste projeto. A partir desta observação, viu-se a necessidade de se criar um questionário aberto no qual fosse possível abranger mensagens online para serem realizadas as demais entrevistas, afim de captar mais realidades:

“Um questionário aberto pode ser a porta de entrada para um mundo de representações sociais mais subjetivas, e por isso mais profundas e determinantes, à medida que permite a fala descontraída, realista e natural, a não linearidade de respostas sobre realidades tipicamente não lineares.”  
(DEMO, 1998, p. 101)

As entrevistas foram ancoradas em duas abordagens teóricas: a de **Escrevivência**, e **Experiências de vida e Histórias de Vida**. A pesquisa tem sua abordagem sobre histórias de vida, em que a inspiração veio do próprio cotidiano pessoal, bem como nos entrelaces de outras histórias de outras mulheres.

Escrevivência é um conceito formulado por Conceição Evaristo, estudiosa da Literatura Afro-brasileira, que explica que,

“Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas.”  
(EVARISTO, 2017, apud SOARES e MACHADO, p. 206, 2017)

Já a segunda abordagem sobre histórias e experiências de vida, em consentimento com a socióloga, professora e feminista estadunidense Patrícia Hill Collins, conceitua que

as Experiências de vida como epistemologia são de suma importância para dar voz as experiências pessoais coletivizadas:

“A experiência como critério de significado com imagens práticas como veículo simbólico é um princípio epistemológico fundamental (...) Essas mulheres acreditavam que, se o conhecimento vem da experiência, a melhor maneira de compreender as ideias de uma pessoa é desenvolver a empatia e compartilhar as experiências que levaram essa pessoa a formar essas ideias. [...] Essas formas de conhecimento permitem o surgimento de uma subjetividade entre o conhecimento e o conhecedor, residem nas próprias mulheres (e não em altas autoridades) e são vivenciadas diretamente no mundo (e não por intermédio de abstrações).” (COLLINS, 2019)

Nesse sentido focamos em extrair das narrativas dessas mulheres expressões e significados do que se aproximasse dessas duas abordagens teóricas. Tanto Conceição Evaristo, como Patrícia H. Collins tem contribuído no debate e no entendimento de estudos que tratam de trajetórias coletivas de mulheres negras. A primeira, pelo viés da Literatura Negra Afro-brasileira e a segunda pelo viés de um Pensamento Feminista Negro.

## **6.2 DEFINIÇÕES DAS SUJEITAS DA PESQUISA**

No dia 08 de fevereiro de 2022, participei de uma reunião da Associação dos Pequenos Agricultores de Mazagão III. Esse dia foi decisivo para o sucesso da pesquisa, e a observação da reunião contribuiu para a definição das sujeitas e também para começar a observar como se dão as relações de poder e de gênero naquele espaço.

Após observar a dinâmica das mulheres que estavam presentes na reunião, conversei com algumas e selecionei uma delas para a entrevista. Foi perguntado seu nome, sua idade e se gostaria de participar da pesquisa. Deste momento em diante, deu-se o início a uma atenção plena a fala da entrevistada; deixá-la expressar-se foi um dos principais propósitos. A mesma durou cerca de 10 minutos, portanto, breve.

Com um gravador de áudio do celular, realizei a gravação da entrevista. Atenta aos detalhes, escrevia minhas impressões no meu caderno, e todos os apontamentos importantes vistos em campo, principalmente na reunião da associação, que foi a minha primeira inserção logo no início da pesquisa.

Contatei a secretária da Associação e também a entrevistei. Na qual, foi perguntado sugestões de algumas mulheres que possivelmente concordariam em ser entrevistadas e se elas eram agricultoras ou produtoras em algum momento, portanto essa

foi a primeira delimitação. Se fizeram presentes nesta pesquisa 4 do total que foi possível alocar.

Tendo em vista a pandemia iniciada no final do ano de 2019, o período pandêmico marcado pela doença do SARS-COV-2 – a COVID-19 ou Coronavírus – tem mudado os processos de ensino-aprendizagem, assim como rotinas, espaços, formas e jeitos de pesquisar. Com o uso devido de máscara e álcool em gel, e o devido distanciamento de 1 metro e meio, evitando assim a propagação do vírus, foi possível realizar 2 das entrevistas/narrativas presencialmente, e as demais 2 mulheres de formato online, através da plataforma de conversas WhatsApp. Foram formadas perguntas previamente orientadas e formuladas, porém, sempre deixando livre para que a entrevistada sentisse conforto na conversa. Tal contexto afetou diretamente na obtenção de dados por completo, visto que os casos de infecção pela doença estavam aumentando.

Mesmo em um período atípico, de dificuldades, preocupações, em meio a um novo normal e com o aumento progressivo de problemas mentais, sociais e de saúde pública, ainda sim essa pesquisa pôde realizar-se, mesmo que em formato híbrido, de forma sucessória.

### **6.3 QUADRO DESCRITIVO DOS (AS) SUJEITOS (AS)**

No quadro abaixo, tentei descrever ao máximo as sujeitas da pesquisa, tendo em vista que ao todo foram cerca de 4 (quatro) mulheres:

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>Nº DE FILHOS</b>
<b>Maria</b>	59 anos	Pós Graduada	Casada	2 (dois).
<b>Margarida</b>	52 anos	Ensino fundamental incompleto	União Estável	3 (três)
<b>Bel</b>	42 anos	Ensino fundamental incompleto	Casada	2 (dois).
<b>Luiza</b>	29 anos	Graduação completa	Solteira	1 (um)

## **7. DESCRIÇÃO DAS NARRATIVAS**

### **ENTREVISTA 01 - Maria, 59 anos.**

**- Você sabe o que é desigualdade de gênero? O que é, na sua concepção?**

*“sim. O que eu entendo de desigualdade de gênero é que uns pensam diferente. Às vezes eu tenho a minha opinião, mas a opinião do outro sobre um assunto é outra opinião.”*

**[Explicação sobre a palavra gênero]:**

Gênero é um termo que foi construído pra designar o que é ser homem e o que é ser mulher. A desigualdade de gênero tá aí; na desigualdade que foi posta “porque o homem tem que fazer isso e a mulher tem que fazer aquilo”. E dessa problemática nasceu o estudo e uma luta que é chamado de feminismo. O feminismo não é algo ruim; é uma luta que se propôs a desconstruir todo um sistema que faz com que essas mulheres sejam submissas, subalternizadas nesse meio. E a minha pesquisa vai ser dentro do meio familiar. Pois o seio familiar é o nosso primeiro contato com o mundo; é a nossa primeira instituição social. Então todas essas estruturas elas moldam a nossa forma de pensar e agir. E em uma sociedade, como a brasileira, que é altamente sexista, machista e patriarcal, então “isso” acontece.

**- Agora na sua família como era a relação entre homens e mulheres da sua família?**

*“Tinham aquele respeito. O respeito sempre era assim: o mais velho poderia mandar nos mais novos. O homem mais velho mandava, sempre dava a opinião pros mais novo, pra seguir aquele caminho e nas mulheres.”*

**- Como eram as condutas e tradições dentro da sua casa?**

*“Rígido. Era tudo como diz assim: ‘tudo ok’, tinha que ser do jeito dela.”*

**- Como era a dinâmica dos seus pais? Ele trabalhando e ela em casa?**

*“Ele na agricultura e ela na vida doméstica.”*

**- E como você vê isso? Como algo normal?**

*“Era normal. Tudo normal. Tudo bem.”*

**- E as suas irmãs, como foi a criação?**

*“trabalhando. Elas foram criadas trabalhando. A única que não trabalhou na agricultura foi eu; só plantei. Mas limpar mato, apanhar algodão como as outras, não.”*

**- Mas como isso se iniciou? Elas foram influenciadas de alguma forma?**



*“Pra ajudar o pai, porque a família era grande. E quando era pra apanhar algodão dos vizinhos era ganhando um ‘tustãozin’ pra roupas, calçados...”*

**- E os meninos como eram criados? Todos na agricultura?**

*“Todos trabalhando. Na agricultura, ‘tudin’ era agricultor.”*

**- Você percebia alguns direitos que seus irmãos tinham e você, como menina-mulher, não? Mesmo naquela época com todas as dificuldades financeiras?**

*“Sim. Que ele sempre poderia fazer isso e aquilo e as irmãs mais velhas poderia sair”*

**- Seus irmãos sempre tiveram o privilégio a mais de poder sair?**

*“Eram homens né?! Sendo homem sempre sai, e a mulher que fica.”*

**- Naquela época todas mulheres trabalhavam na agricultura?**

*“Sim, todas trabalhavam. Menos eu. Eu era a caçula, não tinha força pra trabalhar. E quando cresci, já fui me engajando nos estudos, e as outras não tem estudo né?! Eu cresci estudando e já comecei a trabalhar. E as outras não, trabalharam, casaram e foram cada um pros seus marido e pronto. Era a necessidade de trabalhar.”*

**- Mas sempre com o intuito de casar e servir ao homem?**

*“É claro, quando casa tem que servir a ele. Quando casa tem que servir; é fazer o que ele precisa. É lavar roupa dele, fazer almoço, fazer a janta, cuidar da casa, cuidar dos filhos. É o direito dela!”*

**- Mas mesmo assim, para você como mulher independente, isso mudou?**

*“Mesmo assim tinha que fazer o almoço e a janta do marido, mesmo trabalhando. Era cansativo. Trabalhar e tomar conta de casa e de filhos.”*

**- Agora que estamos em um período pandêmico, acha que isso mudou alguma coisa? Na questão de ter mais coisas para fazer, você como mulher?**

*“Eu continuo fazendo os ‘mesmo’ porque eu estou dentro de casa, né? Tem que fazer tudo. Sobre a minha luta continua no mesmo. A pandemia só me atrapalhou em não poder sair, mas na luta não me atrapalhou. Tem os afazeres de casa. Tem que fazer...”*

**ENTREVISTA 04: Margarida, 39 anos.** (realizada por meio de mensagens de voz através do aplicativo de mensagens WhatsApp )

**1) Como você enxerga o seu papel como mulher dentro da família?**

*“o meu papel como mulher dentro da família é ser uma boa filha, uma boa dona de casa.”*

**1) Como você percebe sua participação na comunidade?**

*“a minha participação na comunidade é participar das celebrações na paróquia, dos eventos que tem na paróquia, na igreja. É das reuniões que tem dos segundos sábados que eu sou dizimista e de outras coisas que tem na celebração da semana na paróquia.”*

**2) Qual seu papel na agricultura? E como você vê o papel da mulher na atividade agrícola?**

*“o meu papel na agricultura é plantar, colher e depois guardar o legume.”*

**3) Qual sua maior motivação para participar da Associação?**

*“é manter todos unidos e sem desavenças um com o outro.”*

**4) Suas opiniões são ouvidas quando fala nas reuniões durante a Associação?**

*“Às vezes quando é preciso eu dar uma opinião sim são ouvidas e depois as pessoas que gostam fala do que gostou, do que entendeu.”*

**5) Você acha que existe desigualdade dentro da Associação ou até mesmo dentro da sua casa?**

*“eu num acho que existe desigualdade na minha associação não, graças a Deus, tudo são todos trata tudo igual, e na minha casa também num existe desigualdade não, é tudo correto.”*

**6) como você avalia a sua relação em casa e em outros espaços (igreja, associação), você acha que existe um tratamento desigual entre homens e mulheres?**

*“eu, tanto na igreja como em casa, ou na associação, ou em outro espaço que eu estiver eu nunca me senti desigual aos outros não. Sempre eu acho que as pessoas me trata por igual com os outros.”*

**7) Em algum momento você se cansou da rotina de "dona de casa"? Como era esse cansaço? Você tinha com quem dividir?**

*“a rotina de dona de casa sempre tem os momento que cansa. Mas aí você para um pouco, relaxa e pensa e retorna tudo de novo. É cansação de dona de casa que todas têm, mas dá pra relaxar um pouco e seguir em frente.”*

**8) Como você se divide para dar conta dos serviços de casa e da roça?**

*“pra dar conta do serviço de casa e da roça é preciso de organizar, né? Se eu arrumo a casa de manhã, eu não vou arrumar a casa de manhã eu deixo a casa pra arrumar a tarde, as tarefas da casa pra tarde e a da roça pela manhã porque é a hora mais fria na agricultura.”*

**9) Quais tarefas de casa são realizadas pelas filhas mulheres e pelos filhos homens? (caso tenha)**

*“quando tem filha mulher a gente bota pra limpar, uma roupa pra lavar e pro filho a gente bota o serviço mais é da agricultura. E num tendo, a dona de casa faz tudo isso.*

**ENTREVISTA 02: Dona Bel, de 42 anos.**

Mudou-se para a localidade de Mazagão 3 (local de pesquisa) após se casar. A data da entrevista foi no dia 08/01/2022, quando pude participar e observar a dinâmica da reunião da Associação dos Pequenos Agricultores de Mazagão 3.

**1) Você já trabalhou no campo? Por quanto tempo?**

*“já, por muitos ‘ano’. Tá com, deixei de trabalhar em 2015. Desde criança.*

**2) Você tem irmão ou irmã?**

*“tenho 10 irmãos. Todos agricultores. Hoje ‘num’ é porque muitos moram na cidade né?!”*

**3) Mas a maioria são mulheres?**

*“É 3 mulheres e 7 homens.”*

**4) Sei que todos da família iam para o campo para plantar e sobreviver, mas o que você fazia?**

*“A gente ‘prantava’, a gente colhia o legume, ‘alimpava’ o mato... era tudo isso que a gente fazia. Tudo juntos. Com meus pais e tudo. E depois de casada, com o meu marido.”*

**5) Dentro da sua casa, você tinha que fazer as tarefas domésticas, certo? Seus irmãos ajudavam?**

*“Tinha que fazer as coisas de casa. Trabalhar e fazer as coisas de casa. Eles eram no roçado, né? Negócio de água, lenha essas coisas sempre era eu e a mãe. ‘nois’ mulheres. Tudo era ‘nois’ mulher.”*

**6) Você acha que era reconhecida pelo seu pai e irmãos?**

*“Não sei porque era muito calado, né? (risos). Chegavam em casa, a casa tava limpa, a comida tava feita. Tava tudo bom né?! (risos)”*

**7) Como acontecia a divisão das tarefas?**

*“Todo mundo ia junto. Tudo junto. Aí ou ficava eu, ou ficava a mãe em casa pra fazer a comida, num ia todos assim de uma vez. Sempre ficava uma pra fazer a comida e cuidar da casa.”*

**8) Seus pais criaram vocês de uma forma diferente? Entre seus irmãos e suas irmãs?**

*“Não. Todos eram iguais. Todos os ‘fie’ se fosse pra ‘botar’ uma lenha, era pra botar uma lenha, ou pra ir pro roçado plantar, era pra fazer isso, era pra bater tijolo. Todos eram iguais, não tinha diferença (risos). Os homens batiam o tijolo e as muié butava areia, botava a água. (risos)”*

**9) Como você se enxerga na associação? Porque quem vem para as reuniões é você, então você que representa a família, certo?**

*“Eu faço parte da associação porque a gente quando vai ‘botar’ qualquer coisa do governo a gente precisa né? Do órgão da comunidade. Aí a gente precisa muito dessas coisa, por isso que a gente participa. Porque a gente realmente é agricultor né? É assim que eu vejo.”*

**10) Você conseguiu terminar os estudos?**

*“Terminei não, fiquei até a sétima (7ª) série. No meio da sétima. Aí foi quando eu parei que foi quando eu casei. Foi escolha minha escolha de parar.”*

**ENTREVISTA 03 – Luiza (29 anos), SECRETARIA da Associação dos Pequenos Agricultores de Mazagão III**

**1) O meu papel é pesquisar a associação e como eu sei que você está à frente, eu decidi te entrevistar. Primeiramente, qual a sua função dentro da Associação?**

*“Eu sou a primeira secretaria da associação, então em todas as reuniões sou eu quem faço a ATA. E algumas coisas que tem que resolver, como uma declaração, alguma informação também, esse tipo de coisa. Aí a assinatura da ata do pessoal, quem coleta sou eu.”*

**2) Falando um pouco mais do seu papel como secretaria dentro da Associação, é importante?**

*“É porque assim, na associação tem o presidente, o primeiro secretário, o segundo secretário, o tesoureiro. Então eu acho que a nossa associação é bem representada pelas mulheres. A primeira secretaria sou eu, a segunda secretaria já é outra mulher. A tesoureira, também é outra mulher. Então, na diretoria, somos 3 mulheres. No total são 6 pessoas que compõem a diretoria.”*

**3) Você acha importante essas mulheres estarem na diretoria da Associação?**

*“Acho importante sim. Porque que eu acho importante? Eu acho importante pela representatividade também, e pelo fato de eu ser uma pessoa jovem e estar na diretoria [29 anos completados]. Ai a questão da mulher pelo fato de estar na diretoria ela se vê que ela pode estar onde ela quiser, né?! Que não impede. Que tipo ‘ah, isso é coisa pra homem e tal’, eu acho que é isso.”*

**4) Em relação as reuniões, você percebe as mulheres da comunidade se posicionando?**

*“Sim, bastante. Tem algumas delas que realmente se posicionam, falam. Quando discordam de algo, falam ‘não concordo com isso!’ ou ‘discordo’ com aquilo.”*

**5) Você acha que essas mulheres são ouvidas pelo próprio presidente, que é home no caso?**

*“Sim. Não só pelo presidente, mas pela associação todinha. Já acho que tem alguns que não concordam, mas outros concordam com a fala delas, mas acho que tem sempre a vez delas.”*

**6) Sobre as atividades agrícolas, como você vê o papel da mulher nesse quesito?**

*“A mulher pode fazer varias atividades na agricultura. Como por exemplo, ajudar a plantar. O homem sempre faz aquele trabalho mais braçal, que exige mais força. E a mulher pode tá auxiliando colocando as sementes, semeando. E até existem umas por aqui; tem várias mulheres que ajudam seus esposos no roçado. Por exemplo apanhar o feijão.”*

- 7) Você acha que essas relações são igualitárias? Porem existem muito mais homens na atividade agrícola do que propriamente as mulheres. Como você enxerga isso? Como você acha que mudou nessa dinâmica de menos mulheres irem a campo?**

*“antigamente, quando eu falo assim ‘ainda existem mulheres’ não é que é as jovens, mas são aquelas mulheres um pouco antigas, as mais velhas. Eu acho que o comodismo também, falta de incentivo mesmo da família. Por exemplo, quando eu era mais nova, o pai dizia ‘hoje nós vamos cultivar’, eu ia, acordava cedo, 5h00 ou 5h30 da manhã pra cultivar, colocar água, né? Hoje não, hoje já tem o trator na comunidade, então não necessita mais tanto de ajuda.”*

- 8) Você acha que a prefeitura ou secretaria de agricultura, incentivam as mulheres nesse fator?**

*“Não. Não tem incentivo da mulher no campo. Eles apoiam e tudo, mas não vejo nenhum projeto voltado ou uma palestra voltada pra isso não. Outra coisa que deixou os jovens acomodados foi a questão do comodismo, da internet, da televisão, e é isso.”*

- 9) Esse fator se deve também a melhora de condições de vida, certo? Pois antes era necessário mais ajuda já que a necessidade era bem maior.**

*“Sim, com certeza.”*

- 10) Qual o meu papel como mulher na comunidade? Como você acha que vai servir de exemplo para outras mulheres?**

*“Não é querendo ser superior a ninguém, nem me achar (risos), mas o que eu vejo, é porque assim eu cursei, fiz o curso de agronomia. Aliás, eu comecei a trabalhar na roça, comecei a plantar, já fui guia de animal, pra guiar o animal na hora do cultivo. Aí depois eu tive que sair de casa pra estudar fora, depois passei na faculdade e passei 6 (seis) anos morando fora, e depois retornei né... e eu vejo isso não como, mas uma jovem do campo que pode buscar outros, não se limitar só a comunidade dela, né?! Ficar ali, só*

*presa ali. Mas que ela pode. Muitas se prendem, né? Tem vergonha de sair, de buscar o que realmente quer, de estudar. Aí eu vejo assim nesse quesito né, aí depois de mais de 10 anos estudando fora de casa, porque eu não estudei o ensino médio aqui, eu estudei no centro, aí depois retornei pra minha comunidade formada e atualmente eu tô trabalhando, então eu vejo mais um incentivo pros jovens também. Porque antigamente o pessoal de fora achava nós da zona rural como um pessoal acanhado, que não sabe de nada, um pessoal pobre, pessoal que não tem oportunidade de nada, e muitas pessoas viam isso aí, porque a gente morava entre aspas ‘no mato’. E hoje em dia não, as coisas mudaram. Não se limita só na comunidade.”*

**11) A educação tornou isso possível. A maior oportunidade de acesso à educação, na verdade. Há uma questão que venho pensando sobre o Bolsa Família (Auxílio Brasil) trouxe uma autonomia maior para as mulheres. No caso, o foco dessa política pública é a família sem renda mínima, mas devido à essa cultura da mulher ficar mais tempo em casa do que o homem (por consequência da estrutura social), acaba trazendo uma autonomia para as mulheres que geram o sustento da família. Você acredita nisso?**

*“sim, eu acredito. Por conta do comodismo, né. Justamente, o programa ele é um complemento na renda da família, é tipo um extra. Mas só que a família não deve se prender somente ao Auxílio. Muitas vezes, entra muita essa questão de se acomodar no trabalho porque tem aquela renda, mas não é pra ser assim. O governo ele dá essa renda é pra um complemento. As vezes o próprio marido diz ‘ah, mas a mulher já recebe aqui o bolsa família cento e tantos reais, então não tem porque trabalhar’. Outra coisa que eu vejo, os próprios esposos, cônjuges, eles se limitam muito aquele, então eu acho que a agricultura deveria ser mais desenvolvida. Porque o Bolsa família tirou muita gente da miséria, mas também trouxe comodismo.*

**12) O que motiva essas mulheres a participarem da associação?**

*“O que motiva é a questão da facilidade pra se aposentar. Em questão de declaração que a Associação emite. Então, e muitos também não é só questão da aposentadoria, mas benefícios sociais e é uma porta, uma ponte pra tá facilitando os processos [burocráticos]. A associação em si na comunidade é participar, trazer projetos, administrar a comunidade, e ater acesso à programas como o Garantia Safra.”*

## 8. ANÁLISE DE DADOS

Com o intuito de conceituar e demonstrar a desigualdade de gênero através da dinâmica do cotidiano, a pesquisa mostrou que, em tese, o trabalho na atividade agrícola familiar é majoritariamente representado por homens. Por mais que as mulheres da comunidade saibam dos seus direitos, elas também sabem que o trabalho é dividido em atividade doméstica e na lavoura (ou trabalho no roçado, como é comumente falado).

Ademais ao elucidar como divisão sexual do trabalho se insere no trabalho rural, essa divisão, naturalmente, se baseia na premissa de que a mulher é “dona de casa” e o homem o produtor, o trabalhador. Portanto, subjugando o trabalho doméstico, como também o trabalho das mulheres da família na agricultura como ajuda. Acarretando um processo naturalizado de achar que o lugar do sexo feminino se resume a um *auxílio* do trabalho real da produção, substanciando o cansaço feminino e o trabalho doméstico.

É importante comentar que, perante ao objetivo de relatar a contribuição das mulheres na Associação dos Pequenos Agricultores de Mazagão III, foi constatado que elas contribuem ativamente nas reuniões, dando suas opiniões e trazendo questões para a melhoria da comunidade. Nesse sentido, a organização delas politicamente é estimulada; sempre com o intuito de serem escutadas e acatadas em todos os seus contextos e realidades. Essa contribuição, se torna importante para percebermos como elas se unem (em cooperação, ou associativismo) e se fazem presentes em diversos espaços, sejam eles políticos, religiosos ou mesmo em seus cotidianos compartilhando experiências.

Essa dinâmica das mulheres rurais, pode e deve ser lembrada como um dos esforços para o rompimento das estruturas que as colocam em um lugar de voz passiva sobre questões centrais da comunidade. Dentre essas e outras práticas, como a de uma servir de referência para as outras ao falar sobre algum assunto, tanto na associação, como na comunidade, é visto como elas se solidarizam umas com as outras e se apoiam ativamente.

Ainda em consonância com o quadro descritivo das narrativas, é importante que a questão geracional seja observada com atenção. Para tanto, foi possível observar que quando se tratava da educação dessas mulheres, de 4 entrevistadas, apenas 2 são graduadas. Isso demonstra que, no primeiro caso, a entrevistada que tem pós graduação, embora seja a com mais idade entre as mulheres, a sua posição na família a colocou em um lugar de privilégio, ela é a última filha, de 11 filhos e filhas. Portanto, teve mais oportunidades que suas irmãs e irmãos.



Em relação a essa questão, buscamos em Nelson do Valle e Silva e Carlos Hasenbalg argumentos para compreender esse fenômeno, que segundo os autores está havendo uma alteração na linha sucessória de gerações familiares que tem impactado trajetórias escolares das filhas e dos filhos, garantindo o êxito na continuidade dos ensinamentos. O que, conseqüentemente, impactará positivamente as gerações futuras dessas e assim sucessivamente,

“Supõe-se que pais mais educados percebem melhor os benefícios futuros da educação de seus filhos, e estão mais habilitados a apoiar e auxiliar nos aprendizados destes. O aumento lento mas sistemático do nível educacional da população brasileira, especialmente das mulheres, implica em dizer que as crianças de hoje estão sendo socializadas por pais e adultos mais educados que os de gerações anteriores, contribuindo assim, direta e indiretamente, para um melhor desempenho escolar dessas crianças.” (SILVA; HASENBALG, C. 2002, p. 68-69)

Isso evidencia, portanto, que a posição na família altera os projetos de vida e que, apesar das nuances da desigualdade e da ausência de equidade em seus contextos, sempre há uma referência que muda as gerações posteriores.

Em contra partida, isso não quer dizer que elas não tenham visibilidade de futuro. Pelo contrário, elas percebem e querem sempre algo a mais para seus filhos em primeiro lugar, como também para si mesmas.

Ademais, para uma maior análise sobre como divisão sexual do trabalho se insere no contexto rural e a questão da divisão desigual entre os sexos, em *Reconfiguração das relações de gênero no trabalho*, de Costa e *et al*, explicita bem sobre a questão das duplas jornadas de trabalho feminina:

Ambos realizam jornadas totais de trabalho extensas, contudo as mulheres respondem por uma jornada de trabalho em afazeres domésticos, em média, três vezes superior àquela realizada pelos homens. [...] Também é importante observar que as jornadas de trabalho em afazeres domésticos não se diferenciam segundo condição de ocupação. Estar desempregado não significa uma maior jornada em afazeres domésticos. Por outro lado, para as mulheres, o ingresso no mercado de trabalho não representa uma menor jornada em afazeres domésticos. (COSTA *et al*. 2004, p.44)

As várias jornadas femininas aqui trazidas são importantes para expressar sobre como o cansaço diário afeta essas mulheres, que apesar de todo o trabalho e das muitas demandas (seja no roçado, doméstico, trabalho assalariado, cuidar dos filhos e do marido e etc) tornam-se desiguais quando partidas de um local onde o reconhecer e as mudanças dessas dinâmicas entre os homens e as mulheres da família não forem reformuladas.

É preciso acrescentar de antemão como as categorias foram alocadas. Em primeira instância foi feita uma categorização das respostas obtidas com as entrevistas, visando a possibilidade de perceber padrões nas respostas de acordo com os temas centrais: **Desigualdade, Divisão sexual do trabalho e Associação e Representatividade**. Tendo em vistas estas categorias de análise, foi possível escolher quais respostas estarão nos quadros e como elas conversam entre si.

De acordo com os seguintes dados obtidos, primeiramente, foi possível observar sobre a desigualdade dentro da família, se havia ou não tal dicotomia.

#### **QUADRO 01 – Categorias relacionadas a gênero e desigualdade.**

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categorias</b>
<b>Maria</b>	<p>“sim. O que eu entendo de desigualdade de gênero é que uns pensam diferente. Às vezes eu tenho a minha opinião, mas a opinião do outro sobre um assunto é outra opinião.”</p> <p>“Tinham aquele respeito. O respeito sempre era assim: o mais velho poderia mandar nos mais novos. O homem mais velho mandava, sempre dava a opinião pros mais novo, pra seguir aquele caminho e nas mulheres.”</p>	<b>Gênero; Desigualdade;</b>

#### **QUADRO 02 - Categorias relacionadas a divisão sexual do trabalho, dona de casa, cansaço e serviço**

<b>Sujeito</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categorias</b>
<b>Margarida</b>	<p>“a rotina de dona de casa sempre tem os momento que cansa. Mas aí você para um pouco, relaxa e pensa e retorna tudo de novo. É cansaço de dona de casa que todas têm, mas dá pra relaxar um pouco e seguir em frente.”</p> <p>“pra dar conta do serviço de casa e da roça é preciso de organizar, né? Se eu arrumo a casa de manhã, eu não vou arrumar a casa de manhã eu deixo a casa pra arrumar a tarde, as tarefas da casa pra tarde e a da roça pela manhã porque é a hora mais fria na agricultura.”</p> <p>“quando tem filha mulher a gente bota pra limpar, uma roupa pra lavar e pro filho a gente bota o serviço mais é da agricultura. E num tendo, a dona de casa faz tudo isso.”</p>	<b>Divisão Sexual do Trabalho; Dona de casa; Cansaço; Serviço</b>
<b>Luiza</b>	<p>“A mulher pode fazer várias atividades na agricultura. Como por exemplo, ajudar a plantar. O homem sempre faz aquele trabalho mais braçal, que exige mais força. E a mulher pode tá auxiliando colocando as sementes, semeando. E até existem umas por aqui; tem várias mulheres que ajudam seus esposos no roçado. Por exemplo apanhar o feijão.”</p>	

<b>Bel</b>	“Tinha que fazer as coisas de casa. Trabalhar e fazer as coisas de casa. Eles eram no roçado, né? Negócio de água, lenha essas coisas sempre era eu e a mãe. ‘nois’ mulheres. Tudo era ‘nois’ mulher.”	
------------	--	--

De acordo com os seguintes dados obtidos, a divisão sexual do trabalho, se evidencia na **tabela de n. 02**.

### **QUADRO 03 – Categorias relacionada à associação e representatividade**

<b>Sujeito</b>		<b>Categorias</b>
<b>Luiza</b>	<p>“O que motiva é a questão da facilidade pra se aposentar. Em questão de declaração que a Associação emite. Então, e muitos também não é só questão da aposentadoria, mas benefícios sociais e é uma porta, uma ponte pra tá facilitando os processos [burocráticos]. A associação em si na comunidade é participar, trazer projetos, administrar a comunidade, e ter acesso à programas como o Garantia Safra.”</p> <p>“Sim, bastante. Tem algumas delas que realmente se posicionam, falam. Quando discordam de algo, falam ‘não concordo com isso!’ ou ‘discordo’ com aquilo.”</p> <p>“antigamente, quando eu falo assim ‘ainda existem mulheres’ não é que é as jovens, mas são aquelas mulheres um pouco antigas, as mais velhas. Eu acho que o comodismo também, falta de incentivo mesmo da família. Por exemplo, quando eu era mais nova, o pai dizia ‘hoje nós vamos cultivar’, eu ia, acordava cedo, 5h00 ou 5h30 da manhã pra cultivar, colocar água, né? Hoje não, hoje já tem o trator na comunidade, então não necessita mais tanto de ajuda.”</p>	<b>Associação; Representatividade; Documentação; permanência na agricultura familiar.</b>
<b>Margarida</b>	“eu num acho que existe desigualdade na minha associação não, graças a Deus, tudo são todos trata tudo igual, e na minha casa também num existe desigualdade não, é tudo correto.”	

Sobre questões relacionadas a Associação e a representatividade dessas mulheres nesse meio, na **tabela de n. 03** elucidada como elas se veem, se são ouvidas e como acontece a dinâmica de falas entre os membros da Associação.

Portanto, de acordo com as **tabelas de n. 03 e n. 04**, a Associação está mais ligada a um aspecto principal, que é o de adquirir o aposento como agricultora. Desta maneira, essa característica está “Dentre as conquistas alcançadas que atingiram diretamente as mulheres rurais destacam-se o direito à terra, a extensão dos direitos

trabalhistas para homens e mulheres trabalhadores/as rurais e o acesso aos benefícios da Previdência Social.” (CORDEIRO; SCOTT, 2007, p.420)

E não apenas numa questão de jornadas, mas também de facilidades. Onde a chegada do trator na comunidade, se torna de uma importância gigantesca e faz os trabalhadores em geral descansarem um pouco mais e a necessidade de mais pessoas no cultivo também.

#### QUADRO N. 04 – Categorias relacionadas a comunidade, igreja e espaço seguro

Sujeito		Categorias
<b>Margarida</b>	<p>“a minha participação na comunidade é participar das celebrações na paróquia, dos eventos que tem na paróquia, na igreja. É das reunião que tem dos segundos sábados que eu sou dizimista e de outras coisas que tem na celebração da semana na paróquia.”</p> <p>“eu, tanto na igreja como em casa, ou na associação, ou em outro espaço que eu estiver eu nunca me senti desigual aos outro não. Sempre eu acho que as pessoas me trata por igual com os outros.”</p>	<b>Comunidade; Igreja; Espaço seguro;</b>
<b>Bel</b>	<p>“Eu faço parte da associação porque a gente quando vai ‘botar’ qualquer coisa do governo a gente precisa né? Do órgão da comunidade. Aí a gente precisa muito dessas coisa, por isso que a gente participa. Porque a gente realmente é agricultor né? É assim que eu vejo.”</p>	

Na Perspectiva de Patrícia Hill Collins com a noção de **espaço seguro**, fica evidente que os espaços de poder ocupados por elas são um modo de unificação dessas mulheres, e como tais lugares em que elas se sentem mais asseguradas, são de fato como demonstram sua resistência perante ao domínio masculino:

“Se a dominação pode ser inevitável como fato social, é improvável que ela permaneça hegemônica como uma ideologia no interior dos espaços sociais em que as mulheres Negras falam livremente. Esse domínio de um discurso relativamente seguro, mesmo que restrito, é uma condição necessária para a resistência das mulheres Negras. Famílias estendidas, igrejas e organizações da comunidade (...) são espaços importantes nos quais o discurso seguro potencialmente pode ocorrer.

Essa potência que os espaços seguros transmitem e perpassam pela vida das mesmas, é demonstrado em diversos momentos dos discursos entre elas, principalmente quando elas estão juntas nos espaços, se movimento, sempre em consonância com o que está para ser organizado/tratado. Tais espaços são situados na igreja da **comunidade, associação, o apoio de umas com as outras**, dentre outros diálogos em que elas estão juntas. Mas a igreja, se torna, de fato, um espaço onde elas comandam e sentem que tem total autoridade e autonomia.

Como amostragem dessa premissa, tem-se a **tabela de n. 04** (acima), que evidencia bem sobre essa discussão. Apesar desses lugares serem tidos como espaços seguros, ainda sim, percebe-se que se há nuances desigualdade dentro da Associação, portanto tornou-se algo naturalizado, sem muitos questionamentos sobre tal questão. No entanto é importante salientar que a reconfiguração que os espaços tomaram ao longo do tempo, da frente feminina que se unifica cada vez mais, vai assegurando um espaço onde elas constroem a sua resistência.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa e trazer essas narrativas me fez constatar que o foco do trabalho está diretamente entrelaçado com a desigualdade dentro e fora do campo, e como isso se espalha para o meio social. Todas essas formas de opressão e/ou falta de visibilidade estão condicionadas à situação geral das mulheres agricultoras que não tiveram acesso à uma educação de qualidade, mas que visaram futuros melhores para seus filhos que vivem em áreas remotas. E mesmo com dificuldades de crescimento como produtoras, e com a necessidade delas dentro do campo sendo substituída, elas representam de outra forma sua força e organização. E isso se caracteriza como uma articulação da potência dessas mulheres.

O contexto rural é importante e precisa ser mencionado, já que é preciso apontar diversas dinâmicas sociais e relacionais, processos históricos, citações das vozes femininas ecoantes neste trabalho e os desdobramentos advindos do patriarcado, relacionados ao termo “gênero” socialmente construído, que perpetuam as dinâmicas dessas relações inclusive no que se refere ao associativismo feminino da mulher ruralista.

Ao passar a estudar fora de minha comunidade, saindo da minha zona de conforto, que pude reconhecer e ver o que vejo hoje: uma comunidade que apesar de ainda manter-se numa base patriarca e um tanto quanto conservadora, porém que, aos poucos e sem que percebamos, mudam-se os costumes pouco a pouco, e conseqüentemente, essas mulheres vão fazendo suas próprias escolhas, seus próprios destinos. A força e organização dessas mulheres é ainda mais perceptível dentro da couraça religiosa: são elas que estão à frente, elas que decidem.

A partir dos resultados, a problemática é em como a sociedade patriarcal não reconhece o lugar autônomo da mulher, já que, elas têm muitas frentes de trabalho (ou seja, são adquiridas a elas muita demanda), dificultando o acesso às políticas públicas, ou simplesmente a outras percepções de vida, já que estas estão condicionadas “naturalmente” a

estarem sempre a serviço, sempre em um lugar de ajuda. E mesmo e apesar das várias jornadas, elas não abrem mão dos seus direitos e de estar presentes na associação.

Desse modo, mesmo que ainda há resistência, mesmo que a presença delas seja numerosa na associação, ainda assim se torna pouco o reconhecimento para o que elas fazem e representam para o seu meio: **a comunidade, a associação, a igreja e a família.**

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Denise Bottmann. 1a ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. p. 496.
- CORDEIRO, Rosineide de L. M.; SCOTT, Russel Parry. Mulheres em áreas rurais nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 419-423, ago. 2007. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2007000200008>. Acesso em: 08 jul. 2022.
- COSTA, Ana Alice et al. **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. São Paulo: Cut Brasil (Central Única dos Trabalhadores), 2004. 144 p. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05632.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2022.
- DEMO, P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev. latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/wSwfj7n6VCZJ4gShkMCFf9f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Editora Cultrix, 2020.
- MARCHA das Margaridas. FETASE: Lutando por terra, trabalho, cidadania e desenvolvimento sustentável. Campanha Nacional de sindicalização. Mobilização nacional. Disponível em: <https://fetase.org.br/mobilizacoes/marcha-das-margaridas/>. Acesso em: 16 maio 2021.
- MARGARIDAS, Marcha das. **Margaridas na luta por**: Desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade. Cadernos de textos para estudos e debates. 2011. Carmen Helena Ferreira Foro. Secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais. Disponível em: < [http://www.contag.org.br/imagens/fcaderno\\_textos\\_marcha\\_2011.pdf](http://www.contag.org.br/imagens/fcaderno_textos_marcha_2011.pdf) >. Acesso em: 21 jun. 2022.
- NASCIMENTO, R. do. COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Pós - **Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/29460>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **CODESRIA Gender Series**, v. 1, p. 1-8, 2004. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oyèrónké\\_oyèwùmí%20-%20conceitualizando\\_o\\_gênero\\_os\\_fundamentos\\_eurocêntrico\\_dos\\_conceitos\\_feministas\\_e\\_o\\_desafio\\_das\\_epistemologias\\_africanas.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oyèrónké_oyèwùmí%20-%20conceitualizando_o_gênero_os_fundamentos_eurocêntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf). Acesso em: 16 maio 2021.
- PISTICELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. Diferenças, igualdade. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2009, pp. 116-148.
- SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2007, v. 15, n. 2 pp. 437-443. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zxBLWVLxQwRGT8zgC6fGqdF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 abril 2021.

SILVA, Mariane Rodrigues. **Gênero, desigualdades e agricultura**: a mulher na atividade agrícola familiar. VOL. 5, Nº 3 (2019). Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/1227>. Acesso em: 16 maio 2021.

SILVA, Nelson do Valle; HASENBALG, Carlos. Recursos familiares e transições educacionais. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 18, n., p. 67-76, 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2002000700008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/CbBgghFhp97bgGfFCPbVnwx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SOARES, Lissandra Vieira e MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.** [online]. 2017, vol.17, n.39, pp. 203-219. ISSN 1519-549X. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 jul. 2022